



PROCESSOS DE CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO E NAS ARTES

Anais do I Seminário Multidisciplinar de Estudo
e Pesquisa em Arte e Educação

Organizadores

Alberto Roiphe e Sumaya Mattar

1ª Edição

São Paulo, 2012

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Fotografias: Agnello Augusto de Assis Vieira e Clarissa Lopes Suzuki

Capa e diagramação: Beatriz Dinelli e Geraldo Paranhos

Transcrição das palestras: Andreia Teles Felix

Revisão: Alberto Roiphe e Sumaya Mattar

Dados internacionais de Catalogação para Publicação

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Seminário Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e
Educação (1. : 2011 : São Paulo)
S471a Anais do I Seminário de Estudos e Pesquisa em Arte e
Educação : processos de criação na educação e nas artes /
Organizadores Alberto Roiphe e Sumaya Mattar. -- São Paulo :
Escola de Comunicações e Artes/USP, 2012.
110 p. : il.

Trabalhos apresentados no seminário realizado dias 22 e 23
de setembro de 2011, Escola de Comunicações e Artes/USP, São
Paulo.

ISBN 978-85-7205-090-6

I. Arte-educação – Congressos 2. Criação artística - Congressos
I. Roiphe, Alberto II. Mattar, Sumaya III. Título.

CDD 21.ed. – 700.7



ENCONTRO COM SHOKO SUZUKI

Shoko: Boa tarde a todos. Estou muito feliz de estar aqui com vocês hoje, neste maravilhoso encontro. E, também me sinto tão honrada de estar aqui com vocês. Eu gostaria de agradecer à ECA que me deu esta oportunidade maravilhosa. Muito obrigada.

Sumaya: É uma honra para nós, do grupo de pesquisa, recebermos Shoko aqui na Universidade de São Paulo, com sua sabedoria, experiência, sensibilidade, uma pessoa que compreende profundamente o que significa trabalhar com a arte e também com a educação, porque ela também é uma mestra. Por isso, aliás, nós a trouxemos aqui. Shoko, de certa forma, está vinculada a muitos de nós. A mim especialmente, à Regina, à Hercília e a vários alunos que já passaram por mim, e que estão aqui presentes, que eu fiz questão de levar ao ateliê dela porque com ela aprendemos demais sobre a arte e a aprendizagem artística. Sobre a vida também. Por isso ela está aqui hoje. E como eu falei, a conversa será movida pelas questões e as perguntas que vocês tiverem. Então, para começarmos, alguém gostaria de fazer alguma pergunta ou alguma observação?

Shoko: Queria dizer primeiramente que o filme já falou tudo, mostrou tudo. Eu não tenho nada para falar. O que eu vou falar?

Público: Eu queria agradecer a você por estar disponível para a gente poder aprender... fazer perguntas. Sabendo da trajetória que você teve e que é muito inspiradora, o que fez você resistir e permanecer na arte, apesar dos conflitos interiores e dos obstáculos que surgiram? O que a fez permanecer firme neste caminho?

Shoko: Está difícil. Mas olha, em meu trabalho, nada veio de teoria. No começo, havia aquela dúvida com o valor humano. Eu queria chegar onde eu poderia chegar. Havia uma questão: Será que há eternidade no trabalho com o barro? Então, cada vez que eu faço, estou engatinhando, aprendendo. E cheguei a cinquenta anos, cheguei. Olhando os meus trabalhos, cada um deles é resultado de cada momento. Às vezes, na escultura e na pintura, o trabalho é único. O meu trabalho também é único, mas eu repito, faço

muito até chegar, até ficar satisfeita. Daí passo para outra peça. Levava um ano ou mais. Fazia tantos trabalhos, tantos números! Mas sempre chega um que, ah! Cheguei! Então, só isso, é deste jeito que eu vim trabalhando. Eu nunca pensei que estava fazendo arte. Trabalhando, me chamando naquela emoção, procurando... então, talvez, chegar à arte seja isso. Estou caminhando na arte.

Público: Boa tarde. Muito obrigada por estar aqui. Gostaria de saber como começou o seu interesse, como é que você começou a mexer com argila, mesmo lá no Japão.

Shoko: Olha! Acho que eu nasci para fazer cerâmica, me parece, não é? Mas quando eu era pequena, sempre fazia bola de argila. Minha casa nunca teve cerâmica, eu não conhecia cerâmica até os dez anos, mais para frente. Então fazia bola, argila de bola, depois colocava água no lado. E todo dia ficava olhando para ver onde a água ia passar. Então tinha alguma coisa, mas eu nunca pensei que fazia trabalho de cerâmica, nada. Não conhecia. Daí, na guerra, minha casa foi bombardeada. Tive que fugir para onde ainda havia casas. Andei com a minha madrastra e cheguei a uma casa que não havia sido atingida em nada. Havia muitos abrigos. Uma senhora deu o chão para eu dormir. Eu dormi uma noite. No dia seguinte, eu queria voltar. Como está a minha casa? Eu fui andando, procurando a minha casa, daí um senhor de idade – acho que alguma coisa ele havia guardado no fundo da terra para evitar o fogo – estava olhando. Quando eu vi ao lado dele, eu fiquei arrepiada. Até agora, eu não sei se era trabalho de barro ou não. Não tenho certeza, mas eu pensei: Ah! Vida! Eu acho que era cerâmica. Então, passou muito tempo e eu esqueci esta cena. Depois que eu fiquei emocionada pelo Brasil (foi amor a primeira vista), que eu cheguei e fiz o forno, consegui queimar 4 ou 5 anos depois. Daí, comecei a conhecer muitos brasileiros, também arquitetos da USP e do Mackenzie, Regina, 50 anos atrás. Daí muita gente me perguntava: como você começou cerâmica? O que significa cerâmica para você? No Japão ninguém me perguntou. Nunca pensei: porque estou fazendo, o que significa para mim? Depois comecei a pensar, lembrar, o que cerâmica significa para mim? Estou fazendo loucamente, só queria alguma coisa eterna, como eu sempre falo, braço de mãe, aquele calor, quente, suave, só isso. Comecei a pensar e lembrei daquela cena do senhor tirando a peça da terra para evitar aquele fogo. Ah! Talvez isso que

me chamou. Com certeza, senti alguma coisa muito forte naquela época. Então, muita coisa que aconteceu. Daí eu decidi, no momento em que eu vi Brasília, vir para cá. Eu não queria nada, não queria olhar nada. Eu aprendi olhando aquelas obras de cerâmica antigas. Isso era o meu professor, realmente. Então, eu comecei a lembrar. De agora para frente, eu não vou olhar nada de antigo, de novo, nada. Então eu comecei assim. Eu cheguei. Agora cheguei a 50 anos de trabalho. Ano que vem, vou fazer 60 anos de trabalho. Na década de 80, foi a primeira vez que coloquei nome, título, em meus vasos. Antigamente, no Japão, era tal cinza, tal material, o tipo de pincel que fiz que davam o tema do nome. Agora eu não sei, já faz mais de 50 anos que eu estou fora. Aqui que comecei a pontilhar, daí entendi. Achei caminho, raiz, terra... cosmos veio bem depois. Então, acho que veio tudo naturalmente, não há nada forçado. Só que trabalhei em silêncio, cantinho do ateliê, só isso. Quando ficava pronto, saia, chamava amigos, mostrava. Tudo naturalmente. Essa é que a minha resposta até agora. E, agora, eu vou falar uma coisa. Agora, quando fiz oitenta anos, fiz aquele que eu queria fazer, o barro, a cerâmica me responderam. Então, eu queria fechar a cortina aos oitenta anos, a cortina do palco. Fechei. Depois eu que queria mudar. Agora eu estou mudando a etapa, não é a mesma etapa, é outra etapa. Eu queria conhecer agora todas as técnicas que existem no Brasil. Agora, tem muitas coisas maravilhosas, mas eu não quis ver porque eu não queria sofrer influência, eu queria chegar no meu trabalho, queria andar descalça. O primeiro ateliê que eu fiz, que pena, não tenho foto, nada, não dá para mostrar, mas eu andava descalça. Eu queria diretamente do chão do Brasil. Agora, me respondeu, eu queria mudar, queria conhecer o que está acontecendo no Brasil. Tantas coisas boas, material, tudo, então também tem que aceitar naturalmente. Só isso.

Público: Você falou da sua criação, da sua nova etapa, que é a pesquisa dos artistas. Queria te fazer uma pergunta, que não é uma pergunta, que foi uma observação minha do seu trabalho com a Sumaya, de mestria. Para mim, houve quatro momentos, a pergunta, que talvez ela não lembre, que talvez a Sumaya possa dizer. O trabalho inicial com a argila, que é a flor; a hora do chá e o desmancha tudo para recomeçar. Quatro etapas, não é? Que é a relação dela com a educação.

Shoko: Estou muito contente de servir à educação assim. Eu nunca pensei. Estou muito contente. Fiz alguma coisa. Nunca imaginei. Na verdade, eu que

aprendi com todo o Brasil. Eu queria aprender da terra. Eu cresci com esta terra. Eu preciso agradecer, eu que agradeço a vocês. Me deram chance, me deram amor. Eu cheguei até aqui. Agora eu vou mudar muito o jeito de trabalho porque o meu forno que antes ficava no meio do mato, de um lado vai ser prédio, do outro vai ser galpão. Já é totalmente diferente, mas aquilo que aprendi comigo, nunca vou perder. Agradeço para vocês brasileiros que me deixam trabalhar. Obrigada.

Público: Shoko, boa tarde, eu gostaria de saber um pouco mais sobre a frase que você comenta... que a cerâmica é a sua meditação. Isso tem a ver com a fase do Cosmos, com alguma outra fase ou é uma relação contínua no seu trajeto?

Shoko: Eu nunca pensava que ia trabalhar com meditação. Um dia, eu descobri que aquilo que eu fiz até agora – às vezes vocês brasileiros perguntam o que é cerâmica para mim, daí sempre esta questão está comigo também – daí um dia, ah, o que era? Meditação. Fiquei tão feliz quando eu descobri. E depois aquele Cosmos, depois aquele pontilhado. Quando fiz a exposição no Citibank, começou o Cosmos. Eu queria esquecer que estava chegando... não é o último momento, mas em certos momentos do meu trabalho eu não tenho mais capacidade. Daí, como eu falei, eu comecei a ver Cosmos. Está no ar, crescendo. O novo mundo também. Por isso que estou fazendo Cosmos agora. Vai aumentar mais ainda o Cosmos, porque às vezes aquele espaço, como se fala, utópico, é muito grande, tem tantas coisas para encher, tanta coisa para encher, daí nós temos esperança. Neste sentido que eu estou trabalhando agora. Não sei o que mais posso explicar. Está bom? Queria fazer tanto deste pontilhado para aumentar...

Público: E eu quero fazer uma pergunta e uma consideração. A minha pergunta é: o que significa para você ensinar?

Shoko: Ensinar. Olha, isso é tão difícil para.... Eu não sou professora, não é? Eu nunca pensei em ser professora. É muito importante ensinar, mas eu não sou para ensinar. Eu nunca pensei que vai ensinar. Fazendo, isto talvez eu tenho que falar, quando ficam prontos meus trabalhos, que completa, por exemplo, quando faço exposição no museu, no museu inteiro eu queria colocar minhas peças. Eu estou agora, no momento, assim. Eu nunca pensei

que vai ensinar. Se alguém aprender com o meu trabalho, para mim é ótimo. Isso talvez seja ensinamento. Mas eu não... professores têm outros, como chama, compromissos, não é? Eu não sou.

Público: Eu conheci você através da Sumaya, através dos escritos dela. Da tese dela que se transformou em livro. E através do belo olhar dela, do sensível olhar, da percepção. E eu fiquei tão tocada com o seu percurso de vida e trabalho, deste incansável trabalho e a descoberta de si mesma, que eu escrevi um texto e eu quero dedicá-lo a você.

Shoko: Está bom. Obrigada.

Público: Algo se movimenta dentro de mim como algas em profundas águas aquecidas. Dançam e se encontram como apaixonadas. E se iluminam ao se tocarem ao som das profundas águas aquecidas.

Shoko: Muito bonito. Obrigada.

Público: Também te conheci através da Sumaya. Nós fomos no ano passado ao seu ateliê e uma coisa me marcou muito e me mudou, me mudou. A partir daquele momento, é como se alguma coisa tivesse mudado dentro de mim. Você deixou a gente tocar as suas peças. E quando a gente estava tocando, eu peguei uma peça que tinha um furinho minúsculo e eu curiosamente coloquei lá o dedinho para ver. E a peça, gente, é trabalhada por dentro. Ela é toda, ela é perfeita. Ela é tão perfeita por dentro quanto por fora e não aparece, ela está lá dentro. Aí eu comentei isso com a Shoko. Eu falei: – Nossa, a peça é maravilhosa por dentro e a gente não vê dentro. E ela disse, mas o importante é dentro. Se você trabalha dentro, o bonito sai.

Shoko: Isso é verdade.

Público: Isso foi muito marcante na minha vida e eu não poderia deixar de falar.

Shoko: Que bom que você percebeu. Eu sempre pensava, não é pensava, meu trabalho é assim, não é? Integral. A tigela é muito importante para a cerimônia de chá, mas muita gente queria usar aquele bonito trabalho para

tomar chá. Às vezes, os ceramistas fazem tantas tigelas de chá, mas muito pouco toca na gente quando tocamos... tocam na gente, quando bebemos o chá, como se estivessem nos abraçando. Técnica também é importante, mas aquele famoso monge do início de chá falou: dentro daquele pequeno, daquela tigela, se fizesse perfeito lá, aquele mundo, se fizesse ele dentro da tigela perfeito, aquela alma, não precisa pensar no fora, é muito grande. A grandeza está aí. Aprendi muito com isso. Por isso acho que desde essa época eu mudei também do mesmo jeito que você falou.

Sumaya: Quando eu estava fazendo a tese de doutorado, com orientação da Profa. Hercilia, que já havia me orientado no mestrado – é uma história de mestres e aprendizes, também fui aluna da Regina e trago comigo muitos dos ensinamentos dela – então procurei a Shoko, procurei Shoko como grande ceramista e como uma artista que fazia questão de se manter trabalhando com os meios artesanais ainda, o que é um pouco raro na arte hoje em dia. Bom, estabelecemos todo um contato, primeiro por telefone, foram vários meses até que eu consegui um encontro com a Shoko. E a pergunta a que a Hercilia está se referindo é, quando nós nos colocamos uma diante da outra, ela olhou nos meus olhos e perguntou: O que você quer de mim? É essa pergunta que a Hercilia está dizendo, o que você quer de mim? Você lembra desta pergunta, Shoko?

Shoko: Lembro, muito bem. É porque eu nunca pensei em ser professora, para ensinar. Será que eu tenho capacidade? Professores fazem um grande trabalho. Ensinar é muito difícil. Fico emocionada com o que vocês falam para mim.

Sumaya: Talvez esteja aí o que a Regina Machado e o Marcos Ferreira Santos falaram. A mestria não necessariamente está neste lugar do professor, quando a gente veste a camisa do professor. Quer dizer, nada garante que estes princípios que estão tão claros numa relação, por exemplo, como a relação que nós tivemos, estejam presentes na relação professor-aluno. De fato, Shoko não se colocou como a professora. Até hoje ela não se coloca desta forma. Ela fica surpresa de perceber o quanto nós aprendemos com ela estes anos todos, todos nós, muito pelas obras, mas muito também por isso aqui que está acontecendo neste momento, por exemplo. De ela poder conversar, poder contar suas histórias, pelas

experiências dela. E também, lá, naquela situação de ensino que se estabelecia no ateliê dela. Ela fazendo e nós, as alunas, fazendo junto, observando, fazendo junto. Agora, sobre o dentro e o fora, uma das aulas mais lindas, que também mudou muito a minha concepção de tudo, não só da arte, foi uma aula em que ela dizia assim, aliás ela dizia assim em todas as aulas, *não olhe para o lado de fora, olhe para dentro, para o interior dela. Quando o dentro estiver resolvido, o fora também se resolverá.* E de fato, quando a peça ficava bonita por dentro, também ficava bonita por fora. Ficava perfeita do lado de fora. Outra coisa maravilhosa, e isso eu gostaria que você comentasse, Shoko. Eu sempre falo para os alunos, e também para mim ainda é uma questão. Quando ela disse assim: *Eu demorei muito tempo para conseguir admitir a possibilidade* (claro que ela falou com outras palavras) *de ensinar alguma coisa para alguém.* Colocar-se nesta situação. Na verdade, ela demorou 76 anos. Esta experiência que eu tive com ela e com mais um grupo grande de pessoas, mais oito pessoas, ela só tomou a iniciativa de montar este grupo aos 76 anos. Ela disse: *eu demorei muito tempo para me sentir capaz de ensinar alguma coisa para alguém.* Então, isso até hoje me intriga muito. Eu trabalho com a formação de professores. Muitos com a idade de 20/21 anos já estão lecionando. Eu mesma leciono há muitos anos. De certa forma, isso coloca uma impossibilidade. Como nos tornamos professores? Quando adquirimos esta capacidade? Quando estamos prontos?

Shoko: Olha! Há uma diferença entre professor, educador e artesão, pode-se dizer artesão. Eu, nós, aprendemos fazendo, durante anos, 40/50 anos. Depois dá resultado. Mas os professores, não. A missão de vocês é ensinar. É outra coisa. Às vezes, penso: *agora o mundo é tão precário.* Às vezes, queria sumir deste mundo porque é terrível. Não tem nada. Nós temos. Como artistas todo mundo pode arrumar seu lugar, como se diz, de paz, de felicidade. Mas a maioria agora está saindo, todo dia agora sai notícia ruim. Para que este mundo? Mas vocês, educadores, são diferentes. Mesmo que o mundo fica ruim, vocês têm missão para fazer. Esse é o maravilhoso trabalho de vocês, não é? Vocês têm que ensinar. Essa é a missão de professores. Então tem muita possibilidade para trabalhar também. Até o mundo existir, os professores podem trabalhar.

Shoko: Aqui tem uma grande amiga minha, Norma Grinberg. Primeira pessoa que conheci sobre cerâmica. Era década de 60. Ela apareceu, tinha paixão pelo barro. Nós conversamos. Não esqueço, o ateliê dela era todo isolado, meio de mato. Daí nós caminhamos de outro jeito, mas sempre tem alguma coisa ligada. Obrigada por me acompanhar. Desculpem que o meu português está muito ruim. Até que eu consegui falar.

Sumaya: Bem Shoko, nós vamos encerrando. Em nome do Grupo de Pesquisa, de todos aqui presentes e de todos que estão assistindo pela internet, que está sendo transmitido, quero agradecer demais a sua presença.

Shoko: Muito obrigada. Eu que tenho que agradecer a vocês todos brasileiros porque me educaram esta terra e brasileiros. Não estou agradando vocês, viu? Mas, realmente, sempre acontece assim sobre cultura japonesa. Todos dizem que eu trouxe cultura japonesa para o Brasil, mas eu nunca pensei isso. Eu queria aprender sozinha, sentindo, o que tem nesta terra. Então o que me criou e me educou foi esta terra brasileira. Acho que todas as artes saem como as condições climáticas da terra, eu acho que sim. Então, muito obrigada.